200

Vasco de Mendonça Alves

DRAMA EM QUATRO ACTOS

SEDUTORES

Vasco de Mendonça Alves

UL000001715

DRAMA EM QUATRO ACTOS
REPRESENTADO A PRIMEIRA
VEZ NO TEATRO DE S. CARLOS
EM 20 DE JULHO DE 1921

SEDUTORES

«Uma importuna-me, outra inspira-me o que por via de regra inspira o amor: fujo de uma e procuro a outra; pois aquela de que fujo desejo eu que não possa ser infamada pela outra que procuro. Estupido coração, se isto é coração!»

CAMILO. — «Memorias de Guilherme do Amaral»

A

CUSTÓDIO JOSÉ VIEIRA

Meu Querido Custódio

Parece-me que, de quanto escrevi, é esta peça o que mais te agrada, embora o teu coração amigo de sempre, muito bem querer a todo o meu trabalho.

Dou-t'a, pois, juntando-lhe um forte abraço daquela mesma amizade que pela vida fóra a nós nos tem abraçado.

VASCO DE MENDONÇA

PESSOAS

MADALENA	*Amélia Rey Colaço*
TERESA	*Maria Judice da Costa*
ANGELA	*Constança Navarro*
MARTA	*Fernanda de Sousa*
FERNANDO DE MENEZES	*Robles Monteiro*
PAULO DE MELO	*Henrique d'Albuquerque*
LUÍS	*Ernesto Rodrigues*
ANTÓNIO	*Octavio Bramão*
1.º CRIADO	*José Alves*
2.º CRIADO	*Tomé da Veiga*

LUIS. Creio que não.

MADALENA. Mas...

LUIS. Mas?...

MADALENA. E' diferente dos outros.

LUIS. Porque?

MADALENA. Bem sabe. Sente-se.

LUIS. Não quero.

MADALENA. Essa rigidez de caracter, a forma sacudida e rude de exprimir as suas ideias e sentimentos deixam transparecer uma certa bondade extrêmamente delicada e rara. No seu espírito existe qualquer coisa de superior que os outros homens não possuem, nem sabem atingir.

LUIS. Os ignorantes.

MADALENA. Os que conheço. Mas não é a sua sabedoria e o seu talento que me fazem admirá-lo e ser muito sua amiga. E'...

LUIS. O quê?

MADALENA. E' a maneira especial porque me encara e a tudo que o rodeia. E' sempre muito verdadeiro, muito lial, generoso... A generosidade com que acolhe as minhas ingenuidades, e que a mais ninguêm admitiria, estimo-a muito, essa generosidade, visto que preciso dela. O seu sorriso, que é por vezes compaixão não me magoa, inspira-me segurança, é quási um carinho de que necessito. Bem vê. A minha família é tôda o meu pai. Sim, adora-me .. A cada instante o dominam aqueles arrebatamentos de ternura doentia.. Mas não me protege. Um doente, uma creança que vive do meu riso, dos meus afagos e. . (*sorrindo tristemente*) da minha protecção! Sinto-me só no mundo, Luís! Falta-me alguma coisa!.. Sobretudo em certos dias sinto-me tão só, tão triste! O Luís é o nosso único parente, o nosso amigo.. Faz-me bem desafogar consigo, ouví-lo... Explique-me a minha solidão... Vem tão silencioso! Porque não fala?

LUIS. Porque ainda se não calou.

MADALENA (*sorrindo*). Tem razão. (*Outro tom*) Estou melhor.

LUIS. Já...?

MADALENA. Desabafei..

LUIS. Felicito-me. Sabe qual é o seu mal, Madalena? Falta-lhe cumprir o único fim para que nascemos.

MADALENA. Qual?

LUIS. Como hei-de dizer?... Amar.

MADALENA (*rindo*). Oh! O Luís tambem o não cumpriu, que eu saiba...

LUIS. Eu, Madalena, sou um homem e .. (*outro tom*) Tratemos de si.

MADALENA. Pois, sim...

LUIS. Para possuir a alegria natural, a satisfação de viver, para perder um certo receio inato e adquirir serenidade e energia indispensaveis, é necessário satisfazer tendências naturais ou vocações.

MADALENA. Entendo...

LUIS. Cale-se. Oiça. Ora passada a edade em que ainda se não vincou o caracter, a nossa alma encontra-se só e naturalmente busca um afecto que lhe preencha a solidão. Esse afecto chama-se amor.

MADALENA. Que fez o Luís a essa tendência natural?

LUIS (*mentindo*). Venci-a.

MADALENA, Como?

LUIS. Trabalhando (*outro tom*). O amor indispensável a uma rapariga na sua situação, traduz-se no seguinte: casamento.

MADALENA. Portanto uma rapariga nas minhas circunstâncias se casa, ama; se não casa, não ama (*Sorrindo*). E para um rapaz nas suas condições o amor é?...

LUIS. E' um sentimento cheio de exigências espirituais e tão delicado, tão frágil que basta o ténue reflexo de uma mancha para o quebrar, para que todo se despedace. Para mim o amor é... (*mudando o tom bruscamente*) muito complicado, uma maçada!

MADALENA. E, lamentável que nos não dê a nós, raparigas, um pouco mais de consideração, de direitos. Uma mulher pode casar sem amor, como pode amar sem ter casado.

LUIS (*compadecido*). Julga isso possível?...

MADALENA. E' freqüentíssimo.

LUIS. Preferia que o não soubesse, ou, pelo menos, que o não dissesse.

MADALENA. Ah! O Luís faz de mim um conceito mesquinho. Julga-me como todas.

LUIS (*vivamente*). Não, não .

MADALENA (*continuando sem o ouvir*). Sempre sou um pouco mais inteligente que o vulgo das raparigas, um pouco mais instruida e... mais forte!

LUIS (*duvidoso*). Mais forte?

MADALENA (*convicta*). Ah! Sem dúvida. A situação obrigou-me a conhecer o mundo. Até meu pai com a própria doença, com as suas alucinações, me tem ensinado o mal do mundo!

LUIS (*assustado*). Como? Pois êle contou-lhe?... A Madalena descobriu?

MADALENA (*serena*). Descobri que quási todos os homens são maus e que os raros bons são capazes de cometer um mau acto. Descobri que precisava defender-me, Luís. Tratei de conhecer o mal e leio todos os livros cuja leitura se proíbe ás meninas da minha idade.

LUIS. Romances...

MADALENA. Tambem... Não tenho outro meio de conhecer o mundo. Não tenho convivência. A nossa casa apenas vem o Luís, a Marta, a minha única amiga... Mais duas ou tres pessoas.

LUIS. Quem?

MADALENA. Amigos de meu pai.

LUIS. Quem?

MADALENA. O Paulo...

LUIS (*sorrindo*). Ah!...

MADALENA. Porque sorri?

PAULO, Não se zangue...

MADALENA. Não simpatiza consigo. E' um facto. Aceite-o. Nem todos têem obrigação de gostar de si.

PAULO. Decerto.

MADALENA. Não imagina que prazer eu tinha se fossem amigos!

PAULO. A culpa é sua.

MADALENA. Minha?

PAULO. Ele ama-a...

MADALENA. Que lembrança!!

PAULO (*concluindo*) ...e tem ciumes de mim.

MADALENA (*um pouco pertubada*). Como?...

PAULO (*nervoso e rindo*). Esquece-se de que a Madalena é uma criança e eu um velho...

MADALENA. Velho!

PAULO. Não sou?

MADALENA. Não.

PAULO. Muito obrigado.

MADALENA. Por tão pouco? (*outro tom*) O Luís estima todos os que julga meus amigos.

PAULO. Então considera-me seu inimigo?

MADALENA. Inimigo?... Talvez.

PAULO. Porquê?

MADALENA. Não sei.

PAULO. E disse-lh'o?

MADALENA. Não.

PAULO. Era-me extrêmamente desagradável, que a Madalena fizesse de mim êsse conceito. Que êle o pense é-me indiferente. E' uma pessoa de quem me não lembro nunca, a não ser quando aqui o encontro. Não lhe permitiria, contudo, que se ocupasse da minha vida.

MADALENA. Não perde tempo com a vida dos outros. Peço-lhe, Paulo, não o trate com esse desprezo que me fere muito, muito!

PAULO. Reconheço que fui um tanto rude...

MADALENA. Como o Luís ha pouco.

PAULO. Mas a minha rudez justifica-se. Receei que exercesse no seu espirito o domínio suficiente para me roubar a sua afeição.

MADALENA. E incomodava-o muito?

PAULO. Mais do que calcula (*senta-se*). Acabou-se. Até lhe prometo uma coisa.

MADALENA (*aproximando-se sorridente*). Diga.

PAULO. Vou começar a ser amigo dêle.

MADALENA. Obrigada.

PAULO. Ponho únicamente uma condição.

MADALENA. Qual?

PAULO. Quero que não goste mais dêle do que de mim.

MADALENA. Depende do sr. O Luís é para mim um irmão.

PAULO. E eu?

MADALENA. E' uma pessoa de quem sou muito amiga, mas doutra maneira.

PAULO. Como?

MADALENA. Ele é da minha idade; o Paulo tem mais uns vinte anos do que eu. Pois dêle gosto como se fosse um velho e de si...

PAULO. A crueldade é enorme. Diga:—como se eu fosse um rapaz!

MADALENA. Sim.

PAULO. Prefiro assim.

MADALENA. Nêle admiro a grande bondade e o saber.

PAULO. Qualidades que não possuo.

MADALENA (*muito naturalmente*). Não, não. (*continuando maliciosa*) O Paulo é mais... homem; não provoca a mesma ceremónia, não infunde respeito... E' uma pessoa mais cá deste mundo... Não sei explicar melhor.

PAULO (*radiante*). Entendi-a tão bem! (*com muito carinho*) Sente-se aqui, ao pé de mim (*Madalena senta-se*). A Madalena sente perfeitamente que sou um homem que a estimo e admiro muito, não é assim? Que sei apreciar os seus encantos (*Madalena vae a protestar*) sim, os seus encantos, a forma elegante e graciosa de falar, de gesticular, a maneira como se veste, como pisa, como é naturalmente boa, amável... (*outro tom*) Ele nunca lhe chamou bonita?

MADALENA. O Luís?! Não! (*ri e fita-lhe os olhos. Paulo tem o rosto muito próximo do seu, os lábios trementes de sensualidade, o olhar turvo de amor. Instintivamente desvia o rosto. Silêncio—Levantam-se ambos pálidos e nervosos e vão sentar-se quasi á maior distância possível um do outro com o sorriso idiota de quem busca e não encontra um assunto para conversar*).

PAULO (*com falsa tranqüilidade*). O pai vem tarde!

MADALENA. Vem.

PAULO. Queria falar-lhe.

MADALENA. Então espere, (*levanta-se, passa a mão pela testa de afogueada e dirige-se para a porta da esquerda*).

PAULO (*levanta-se resoluto, mas implorante*). Madalena! Onde vai? Fique aqui... Não tem nada que fazer...

MADALENA (*pouco a pouco vae cobrando o sangue frio*). Engana-se. Quem governa a casa sou eu.

PAULO. Ah! E'?

MADALENA. O mais maçador é determinar o jantar. Gosta de pato?

PAULO. Num lago acho muito bonito (*desatando a rir*). Não se zangue comigo. A Madalena é engraçadíssima. Continue. Gosto muito de a ouvir.

MADALENA. Diverte-se?

PAULO. Não. Enternece-me o seu modo ingénuo de dizer.

MADALENA. Ora!...

em movimentos nervosos, involuntários. Os gritos nas situações de maior intensidade são ásperos, extrangulados e curtos.

FERNANDO (*entra precipitadamente pela direita alta e passa junto de Paulo sem o ver — aflito de cuidado, ansioso*). Madalena! Filha!

MADALENA (*sem voltar o rosto para ocultar a comoção*). Meu pai?

FERNANDO *ligeiramente exaltado*. Que tens, Madalena? Não vens falar-me?

MADALENA (*indo beijar-lhe a mão e depois a face*). Bôa, tarde, pai...

FERNANDO (*observando-a excitado*). Que te sucedeu? Pareces sucumbida! Recomendaste ao criado que logo que chegasse viesse falar-te. Que me querias?

MADALENA (*muito calma*). Coisa nenhuma de importância. Queria saber se já tinha entrado...

FERNANDO (*sentando-se fatigado e abatido*). Só?...

MADALENA (*muito carinhosa sentando-se junto dêle*). Não tomou o calmante... (*apalpando-lhe as mãos*). A tremer... (*dá-lhe um beijo*). Já passou, não é assim?

FERNANDO. Fazes-me sofrer tanto!

MADALENA. Eu?

FERNANDO. Não tens a culpa... Os nervos dominam-me... Depois esta imaginação, que trabalha constantemente, que voa e sempre para a desgraça, sempre. Vinha contente. Vinha a pensar em ti... O criado deu-me o recado e... assustei-me... (*muito carinhoso*) Não te aborreces de ter assim um pai tão doente, não?

MADALENA. Oh! Pai, que pregunta!...

FERNANDO (*abraçando-a com veemência e tratando-a com muito mimo, como se falasse a uma creança, com piéguice*). Não se aborrece por que é muito boa menina, e gosta muito do seu paizinho... (*beijando-a comovido*). Minha filha! Meu amor!

PAULO (*colocando-lhe a mão sobre o hombro*). Que lindo quadro!

FERNANDO (*ao sentir a mão de Paulo poisar-lhe no hombro levanta-se repentinamente, esgaseado, assustado. Olha para êle, logo o reconhece e estende-lhe a mão sorrindo*). Não te tinha visto... Como estás? Chegaste ha muito?

PAULO. Ha talvez meia hora (*Madalena pega no livro que começára a ler no princípio do acto e vai para o terraço*).

FERNANDO. Demorei-me...

PAULO. Conquista?

FERNANDO. Qual!

PAULO. Estás a mentir.

FERNANDO (*depois de se certificar de que Madalena o não pode ouvir*). Oh! Filho, vi agora uma mulher!...

PAULO. Bonita?

FERNANDO. Um encanto! E com um pé, menino!... Morena, olhos pretos...

PAULO. Casada?

FERNANDO. Ia só.

PAULO. Então era casada. Seguiste-a?

FERNANDO. Já não gostam de mim, homem! E... era uma senhora!

PAULO. Disse-to ela?

FERNANDO. Percebe-se logo. Têem o nariz mais comprido ou não sei o quê.

PAULO. Para mim ha duas espécies de mulheres honestas — as horrendas e as sonhadoras, que encaram o mundo pelo que devia ser e não pelo que é.

FERNANDO. Se é horrível, não é mulher. E' um animal.

PAULO. Essas não existem, pois. Restam apenas as românticas, que tomam o amor por um sentimento puro e honesto como a amizade.

FERNANDO. Romanticas! Como toda a gente. Não és capaz de conjugar o amor com o respeito, a consideração?

PAULO (*curta hesitação*). Sim, sou... Todas as mulheres são honestas ou não conforme as circunstâncias e o momento.

FERNANDO. Não é tal!

PAULO. Ora!...

FERNANDO (*com exaltação*). E' que não sabes, não conheceste como eu... (*suspende a frase repentinamente*) Madalena!

MADALENA (*entra apressadamente*). Meu pai?

PAULO. Oh! Fernando, sossega...

FERNANDO (*dá um longo e apertado beijo a Madalena*). Não te quero mais nada. *Criado entra pela direita alta, e leva a Fernando um bilhete de visita numa salva de prata. Lê o bilhete. No rosto desenha-se a angústia, a surpresa e o receio. Passa o bilhete a Paulo que ao ler mostra uma certa contrariedade*) Onde está esta senhora?

CRIADO. Está lá em baixo na sua carruagem. Mandou entregar este bilhete a V. Ex.a.

PAULO (*Fernando conserva-se indeciso — pausa*). Não mandas entrar?

FERNANDO. Sim, sem dúvida... Conduze essa senhora... para aqui. (*Criado sai*). Madalena vai-te embora.

MADALENA. Quem é, meu pai?

FERNANDO. Pessoa que te não interessa. Vai, vai... (*Madalena sai desconfiada pela esquerda. Receioso*) Ficas comigo, sim?

PAULO (*contrariado*). Eu?...

FERNANDO. E' um favor que te peço...

PAULO. Se o exiges...

um passado que deve merecer esquecimento... (*tirando de uma pequena mala um maço de cartas, um retrato e um embrulho*). Quando morreu entregou-me as suas cartas, um retrato, essas folhas secas com as datas quási desvanecidas e umas pequenas lembranças que o senhor lhe oferecera. Pediu-me lh'o restituisse eu, só eu e lhe dissesse tambem que levava muitas saudades suas... que lhe perdoava (*pausa*). Morreu (*entregando*). Aqui tem tudo (*Fernando aceita as várias coisas muito trémulo, comovido e coloca-as sobre a mesa. Os olhos agitam-se nas órbitas até que caem fitos sobre as cartas*). Ha-de naturalmente admirar-se de que só passados tantos anos viesse cumprir êste dever. Durante muito tempo faltaram-me as forças para o encarar com serenidade. Odiava-o .. (*Fernando não sustem um soluço*). E' tarde para chorar... Adiava constantemente a minha missão. Depois surgiram outros desgostos que me apaziguaram, penas que amortecem o desespêro. E só então senti em mim a suficiente coragem para me defrontar com o homem que matou...

FERNANDO (*interrompendo-a com um grito imperioso e estrangulado*). Cale-se!

TERESA. Sr. Fernando de Menezes!... Por onde devo sair?

FERNANDO. Perdoe-me, minha senhora, perdoe-me!... Sou um doente... Suplico-lhe que me oiça!...

TERESA (*surpreendida com a atitude de Fernando*). Para quê?

FERNANDO. Desejo ardentemente que hoje me não julgue esse perverso, esse infame que fui. Creia... é um acto de justiça!

TERESA. Que lhe importa a minha opinião?

FERNANDO. Muito, o mais possível! V. Ex.a foi todo o amparo daquela pobre alma que eu torturei, que matei! (*na maior exaltação, as palavras saem rápidas e bruscas*). Fui um cínico, um assassino! Mas tenho sofrido muito, muito! Existo ainda porque a minha vida está acorrentada à de uma pobre creança boa e pura que é a minha filha, a que ela chamava nos seus delírios e eu lhe roubei! (*comovendo-se*) Disse-me que era tarde para chorar... Será, mas ainda choro. Choro de saudades, de remorsos e... porque tenho uma filha! (*excitadíssimo e querendo aparentar serenidade*) Eu lhe conto.

TERESA (*abatida*). Nunca assim esperei vê-lo. Sossegue ..

FERNANDO (*muito cortez e rogando*). Sente-se.. E' um acto mais da sua bondade. (*Teresa senta-se*). Muito obrigado. Maria dos Anjos na minha mocidade foi uma simples aventura que me encantou durante um curto período, como todos os devaneios que nêsse tempo me absorviam e doiravam a existência. Amava as mulheres, pertencia-lhes. Mas, porque adorava tôdas, não amei nenhuma. Evitei sempre comprometê-las e julgava pagar-lhes o amor com gratidão, com joias, com dinheiro!...

TERESA. Oh! Sr. Menezes!...

FERNANDO. Desculpe-me, minha senhora, a rudeza da verdade e peço aos seus cabelos brancos que me relevem a nudez das minhas palavras sinceras (*continuando*). Julgava assim ter cumprido o meu dever de homem honesto e bem educado (*outro tom*). Um dos meus amores trouxe-me ao mundo uma filha que é o único refugio do meu coração, mas que é tambem o castigo mais cruel da minha libertinagem! Ela ia comprometer a mulher que se me tinha abandonado, quando o marido voltasse. Tirei-lh'a. Num convento guardaram-me a creança e educaram-na. Tive conhecimento da morte de Maria dos Anjos. Impressionou-me. Todavia sem difuldade mergulhei no esquecimento essa lembrança que me incomodava. Adoeci com uma congestão cerebral. A morte esteve á beira da minha cama juntamente com a minha filha que nêsse momento me trouxeram para me beijar na despedida. E parece que teve medo dela ao vê-la tão nova e linda. Tinha catorze anos a pequena e cuidou de mim com um desvêlo, uma bondade, como se a meninice fosse já passada! Ainda me parece vê-la em redor de mim, pisando com cautela como uma pombita branca, debruçando se carinhosa para me beijar, dando-me pela sua mão os remédios, o alimento . (*comovido*). Então é que comecei a adorá-la como pai e como ela merecia ser querida! Encontrei-me só com ela e doente. A recordação de mãe cada vez com maior assiduidade me perseguia. Tentava afastar essa lembrança e... não podia, não podia! (*exaltando-se*) O remorso apoderou-se da minha alma, comecei a desejar e a temer o castigo. Ocorreu-me que esse castigo me seria infligido por intermédio da minha filha. Esta ideia tomou proporções demasiadas, absorveu-me. Convenci-me de que o sofrimento havia de ser a minha expiação! Principiou então a tortura em que hoje vivo. A sua inocência condenava-me. Olhava para ela e via, via a mãe! (*arfante e gesticulando nervosamente*) A mãe! (*senta-se muito fatigado*).

TERESA. Como deve ser infeliz!

FERNANDO (*de modo muito natural e com grande convencimento*). Sei que posso enlouquecer. Esta ideia tornou-se numa verdadeira obsessão. O terreno é bom e ela medrou, desenvolveu-se .. A pequena nunca me preguntou como nascera e nunca lh'o expliquei (*confidencial e dominando-se gradualmente pelo terror*). Em certos momentos assalta-me o espírito a persuasão de que m'a roubam e aterroriza-me pensar que a não posso defender. Quantas noites, altas horas, acordo em sobresalto vendo junto de mim a mãe, de pé, muito branca, suave, melancólica, mas condenando-me, ameaçando-me! Outras vezes aparece-me a filha imunda de miséria e de vergonha! Vejo-a. A saia gomada, os cabelos azeitados e escorridos pelas fontes, rosas presas nos cabelos, a boca escancarada num riso obsceno! Então grito, grito muito por ela! A visão foge. Mas quero vê-la, certificar-me, abraçá-la! E hirto, esgazeado, doido continuo a gritar: «Madalena! Madalena! (*soluçando*) Madalena...»

TERESA *levanta-se comovida e aproxima-se de Fernando. Estendendo-lhe a mão*). Perdoe, meu amigo, tê-lo magoado tanto!

FERNANDO (*apertando-lhe a mão com reconhecimento*). Minha senhora!

TERESA. A sua culpa expiou-a com o sofrimento e com o muito que quere à sua filha Tambem não tenho alegria. Desde que enviuvei raramente deixo as minhas árvores e a casa onde nasci. Ás vezes aAngela precisa distrair-se .. Lembra-se da minha filha?

FERNANDO. Lembro.

OMGAR
1714p

DO AUTOR

FILHOS (drama em 5 actos).
NOITE DE S.to ANTONIO (drama em 4 actos)
PROMESSA (drama em 4 actos)
SEDUTORES (drama em 4 actos)

NO PRELO

BODAS DE OIRO
CONSPIRADORA

SEPARATA DA REVISTA
DE TEATRO

Faculdade de Letras de Lisboa
ULFLOM01715